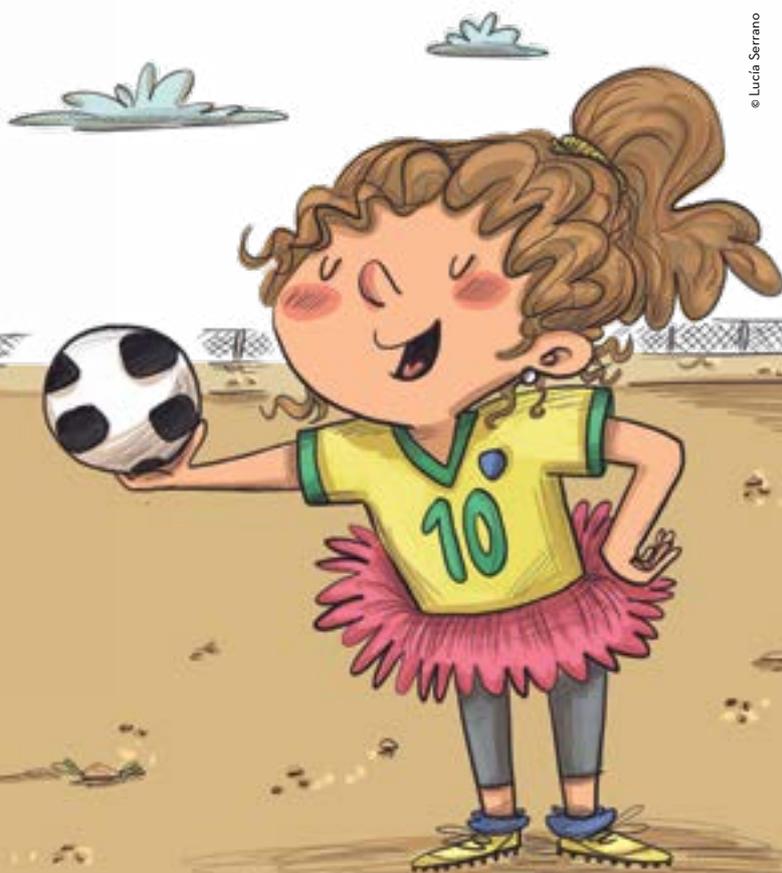


MATERIAL DIGITAL
DE APOIO À PRÁTICA
DO PROFESSOR
Organização e coordenação
pedagógica: Maria José Nóbrega
ISBN 978-65-89993-04-9
LIVRO DO PROFESSOR

QUE A MENINA AMAVA FUTEBOL

Ilan Brenman



SUMÁRIO

CARTA AO PROFESSOR, 3

Um breve perfil de
Ilan Brenman, o autor, **5**

Um breve perfil de
Lucía Serrano, a ilustradora, **6**

Comentários sobre
A menina que amava futebol, **7**

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA, 8

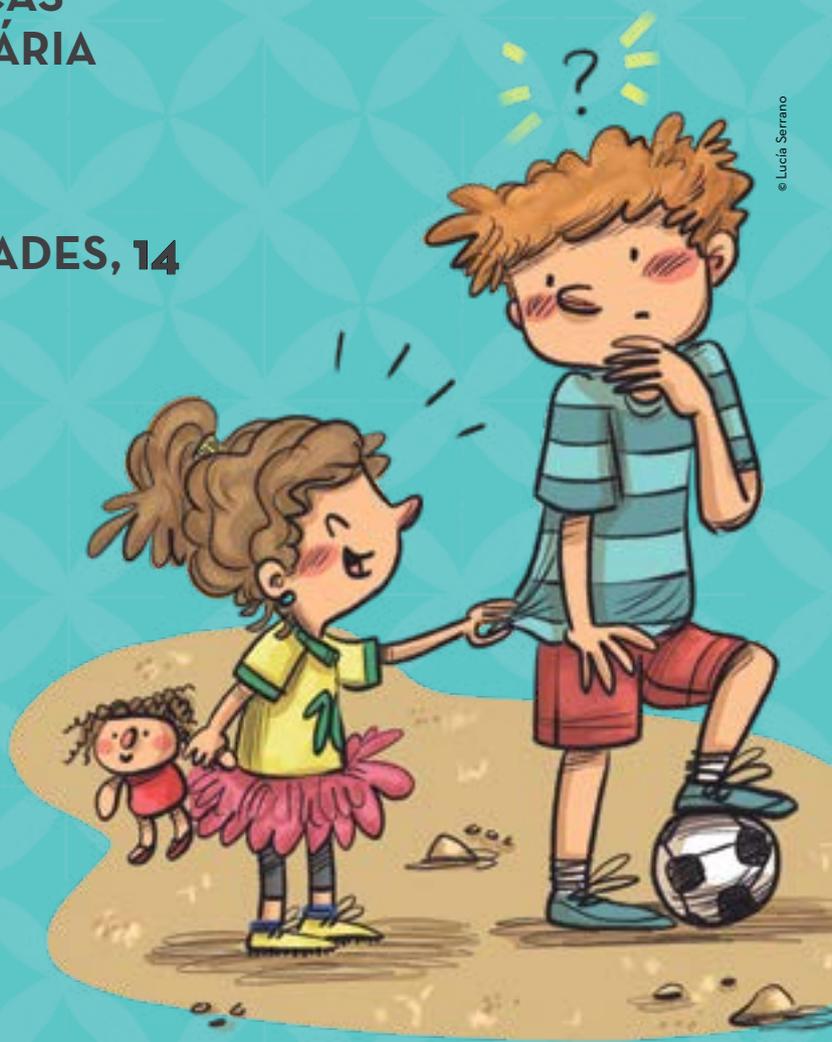
PROPOSTAS DE ATIVIDADES, 14

Pré-leitura, **14**

Leitura, **16**

Pós-leitura, **17**

LER EM FAMÍLIA, 22



CARTA AO PROFESSOR



e Lucía Serrano

Querida professora, querido professor,

Houve um tempo em que aprender a ler era aprender a decodificar palavras. Acreditava-se que tão logo as crianças conseguissem decifrar os sinais gráficos nos anos iniciais de escolaridade, como em um passe de mágica, já saberiam ler qualquer texto. Os sentidos eram frutos maduros que o leitor colhia. Estavam lá pendurados nas linhas...

Sabemos hoje que ler é uma atividade bem mais complexa, não é?

Os sentidos que o leitor atribui às histórias decorrem das relações que ele estabelece entre as informações do texto e suas crenças, valores, vivências, enfim, entre o texto e seus conhecimentos prévios. Por essa razão é que a leitura é um diálogo. Leitura não é apenas decodificação, é também compreensão e crítica. Ao apreciar o que o texto diz, o leitor é capaz de compreender; ao se posicionar em relação ao que é dito ou ao como é dito, o leitor é capaz de produzir crítica.

Como prática de linguagem, a leitura é tanto uma atividade cognitiva quanto social. É uma atividade cognitiva por envolver complexos processos mentais realizados pelo sujeito leitor, como levantar hipóteses, recuperar informações, estabelecer relações e inferências, sintetizar, refletir sobre o plano do conteúdo ou da expressão. É uma atividade social por implicar a interação que o leitor estabelece com o autor, mediado pelo texto em uma situação comunicativa em que esses sujeitos têm seus próprios horizontes de expectativas.

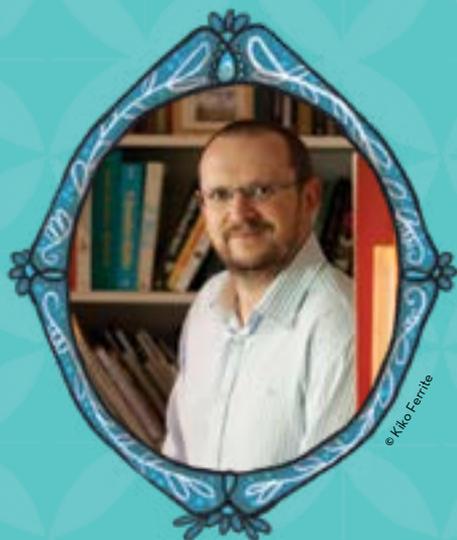
Ensinar a ler, portanto, não é apenas tarefa do professor alfabetizador. É tarefa de todos os educadores da educação básica, da escola inteira.

Neste material, pretendemos apresentar algumas possibilidades para você criar condições para as crianças interagirem, a distância, com Ilan Brenman por meio de um conto escrito por ele: A menina que amava futebol. Pretendemos ajudá-lo ainda a atuar como mediador de leitura, isto é, alguém que apresente o livro às crianças, criando as condições necessárias para que esse encontro seja feliz.

Para que isso aconteça, é preciso não esquecer que a leitura literária é uma prática cultural de natureza artística, que busca promover prazer, incitar a imaginação, estimular a apreciação da linguagem, a reflexão sobre o mundo, sobre quem somos e a vida que se leva. Ler um livro didático para estudar e aprender ou ler um jornal para se atualizar envolve modos de ler bem diferentes do que ler livros de literatura, não é mesmo?

Como diz o poeta, é chegada a hora de contemplar as palavras...





Um breve perfil de Ilan Brenman, o autor

As aventuras de Ilan Brenman começam em 1º de março de 1973, na cidade de Kfar Saba, em Israel. Ao lado de seus pais, Mario e Diana, e de sua irmã, Gabriela, argentinos de nascimento, Ilan chega ao Brasil em 1979, aos 6 anos de idade. De lá para cá, além de uma jornada pelo mundo das palavras, o autor coleciona histórias de povos antigos, reconta aventuras e compartilha suas próprias experiências pessoais.

Ilan é um leitor inveterado e tem como referências e inspirações nomes como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marcos Rey, Monteiro Lobato, Machado de Assis, entre outros. Seus pais sempre incentivaram a leitura e tinham muitos livros em casa. Inclusive, a literatura francesa da estante materna, os existencialistas e os livros de psicologia sinalizaram ao jovem Ilan, aos 17 anos, uma carreira à vista: a Faculdade de Psicologia - na qual se formou pela PUC-SP.

Ilan também é Mestre e Doutor pela Faculdade de Educação da USP, em ambos defendendo uma literatura infantil e juvenil livre dos preceitos do politicamente correto e com muito respeito à inteligência e à sensibilidade da criança e do jovem leitor. Essa preocupação é reconhecida pelos diversos prêmios já recebidos, entre eles o selo “Altamente Recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e o prêmio White Ravens (Alemanha).

Contar histórias tem um grande significado na vida de Ilan Brenman. Foi aos 18 anos, em um estágio como monitor no clube Hebraica, em São Paulo, que Ilan teve uma epifania graças a uma menina de 8 anos. Esperando alguma atividade do então monitor, a menina se aproximou de Ilan e disse: “Conta uma história para a gente”. Em pânico com aquela situação, Ilan respondeu que não sabia nenhuma história. A menina o olhou e disse a frase que mudaria a vida do estagiário: “Se você não sabe, inventa”. Foi naquele breve momento que nasceu o contador de histórias e, mais tarde, o autor Ilan Brenman.



O clube Hebraica foi decisivo na vida de Ilan também por outro motivo. Ali, conheceu Tali, psicóloga, que se tornaria sua namorada e, mais tarde, sua esposa e mãe de suas duas filhas. Do relacionamento com a família, surgiram inspirações para histórias como *Papai é meu* (2011), *Segredos* (2014), *Pai cabide* (2015) e muitas outras.

Naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de russos e poloneses, Ilan tem como outra paixão os recontos da tradição oral de diversos países. Aqui se alinham livros como *A amizade eterna e outras vozes da África* (2016); ou *Viagem ao redor do mundo em 37 histórias* (2019). Seus livros foram publicados na França, Itália, Alemanha, Polônia, Espanha, Suécia, Dinamarca, Argentina, Coreia do Sul, China, no México, Chile, em Portugal e Taiwan.

Atualmente, o autor percorre o Brasil e o mundo com palestras e participações em debate em feiras de livros, universidades e escolas sobre temas contemporâneos nas áreas de cultura, família, literatura e educação. Dessas andanças, surgem todos os dias novas inspirações.



Um breve perfil de Lucía Serrano, a ilustradora

Lucía Serrano nasceu em Madrid, na Espanha, em 1983. cursou Belas Artes na Universidade Complutense de Madrid e especialização em ilustração infantil em Barcelona. Ilustra revistas infantis e já participou de várias exposições coletivas com seu trabalho. Ao longo de sua carreira, ilustrou diversos livros infantis e juvenis e recebeu prêmios internacionais.

Comentários sobre *A menina que amava futebol*

Ana tinha 7 anos e até que gostava de brincar de boneca, pular corda e jogar amarelinha, mas amava o futebol acima de qualquer coisa. Sempre acompanhava Mateus, seu irmão mais velho, ao campinho do lado de casa: o jogo era para ela uma verdadeira paixão. Quando pediu aos meninos para jogar também, a resposta foi não, para tristeza da garota. Foi então que seu irmão propôs que Ana fosse a juíza do jogo. Com apito no pescoço, um cartão amarelo e um cartão vermelho, os jogos do bairro ficaram muitíssimo mais emocionantes, com um ar profissional.

Certo dia, o sonho da menina se realizou: ao se dar conta de que um dos jogadores tinha faltado por conta de uma gripe, Ana, que já tinha conquistado o respeito da turma com sua atuação como juíza, anunciou que jogaria no lugar dele. Para o espanto dos meninos do grupo, a garota, que todos achavam que não passaria de uma jogadora “café com leite”, se revelou uma atacante como poucas: logo em seu primeiro jogo marcou um golão. Não demorou muito para que os outros times passassem a disputar a jogadora mais talentosa da região.

Em *A menina que amava futebol*, Ilan Brenman conta a história de uma garota talentosa que, simplesmente por ter nascido menina, encontra dificuldades para realizar seu sonho de jogar bola.

Desejamos a você e à sua turminha de pequenos leitores boa leitura!

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto

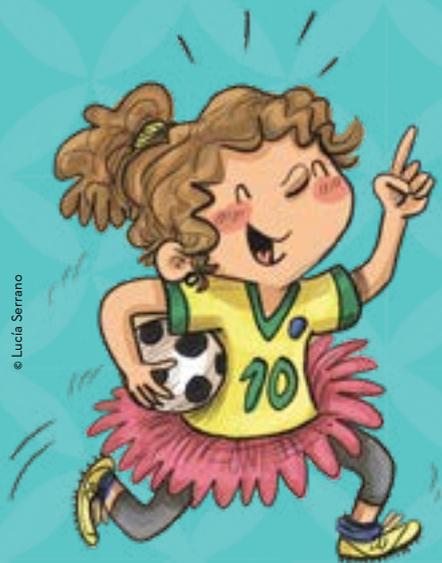
Palavras-chave: futebol, gênero, igualdade, padrões

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, História, Educação Física

Competência Geral da BNCC: 9. Empatia e cooperação

Temas: Família, amigos e escola

Público-alvo: 1º ao 3º anos do ensino fundamental (categoria 1)



ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor. Para atribuir sentido aos textos, os leitores não ativam apenas *conhecimentos linguísticos* (o vocabulário, a gramática da língua), mas também *conhecimentos extralinguísticos* (conhecimentos de mundo, enciclopédicos, históricos, culturais), que permitem compreender seus implícitos e subentendidos.

O sucesso do trabalho com a leitura nos anos iniciais depende, portanto, dos conhecimentos já construídos pelos pequenos leitores – iniciantes, em processo ou fluentes – para responder às dificuldades que enfrentam ao se relacionar com os diversos aspectos discursivos e linguísticos mobilizados pelos textos:

- o *gênero* (por exemplo, uma novela, por sua extensão, pode ser mais complexa do que um conto);
- a *seleção lexical* (a maior ou menor presença de vocábulos de uso pouco comum interfere no entendimento);
- a *organização sintática dos enunciados* (frases curtas em ordem direta tendem a ser mais facilmente processadas do que frases longas em que há constituintes invertidos ou intercalados);
- a *temática desenvolvida* (a maior ou menor familiaridade com o tema é fator decisivo para a compreensão e interpretação);
- a *explicitação das informações* (maior ou menor exigência para operar com o conteúdo que o autor pressupõe que o leitor domine influi nesse processo);
- o uso de *recursos figurativos* (maior ou menor emprego de elementos conotativos interfere no número de inferências exigidas do leitor).

Para os anos iniciais do ensino fundamental, Nelly Novaes Coelho, especialista em literatura para crianças, separa os estágios psicológicos da criança em relação à leitura em três categorias de acordo com a faixa etária. São eles:

- **leitor iniciante** (6-7 anos): nesse estágio, as crianças estão se apropriando do sistema de escrita alfabética e, aos poucos, vão ampliando seu domínio das correspondências grafofonêmicas. Livros ilustrados com textos breves são indicados para a leitura autônoma.

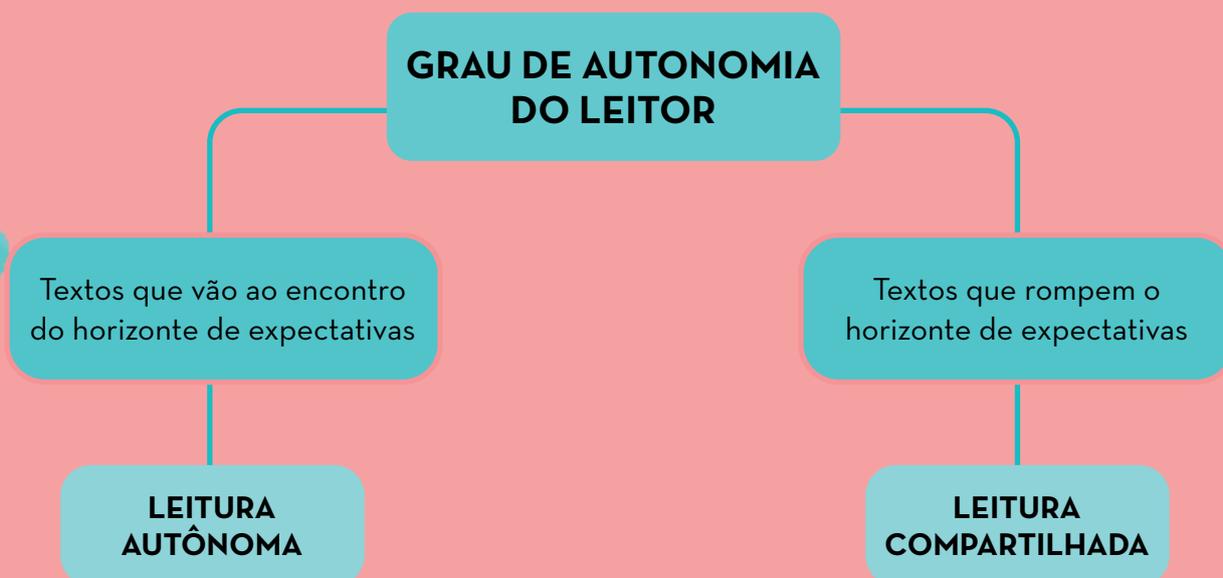
- **leitor em processo** (8-9 anos): nesse estágio, as crianças já compreendem o funcionamento do sistema de escrita. À medida que o processo de decifração se torna mais automático, podem apreciar os acontecimentos da história e refletir sobre ela. Para leitura autônoma, são indicados livros mais extensos em que haja diálogo entre o texto e as imagens.

- **leitor fluente** (10-11 anos): nesse estágio, as crianças leem com maior fluência, reconhecem diferentes gêneros e suportes textuais e já têm suas preferências literárias. Para leitura autônoma, podem ser indicados livros mais longos, com linguagem mais elaborada. Embora continuem apreciando as ilustrações, não dependem tanto delas para entenderem o texto.

Desse modo, o grau de autonomia dos pequenos leitores coloca limites claros para o tratamento que determinada obra pode receber. É por essa razão que não se recomenda a leitura de uma obra complexa em uma situação de *leitura autônoma*, isto é, aquela em que a criança lê sozinha. Em geral, para essas situações, sugerem-se títulos que vão ao encontro de seu horizonte de expectativas. Ao ler autonomamente, o leitor percorre o texto com os olhos, linha após linha, decifrando os sinais gráficos, formulando hipóteses provisórias até encontrar um sentido aceitável com base no que já leu, em seus conhecimentos linguísticos e discursivos e nas estratégias de leitura que domina. Se o sentido não está de acordo com o que havia compreendido, retrocede ou avança no texto até esclarecer a inconsistência. Se o sentido obtido soluciona o problema, é assimilado ao anterior, resultando em uma síntese mental do texto.

Porém, para que mobilize capacidades de leitura cada vez mais complexas, é preciso que também possa ter contato com obras que rompam esse horizonte, encarando o desafio de ler livros de maior complexidade. Para situações como essa, recomenda-se a *leitura compartilhada*, isto é, uma atividade social em que o texto é lido pelos educadores ou familiares com as crianças. A leitura compartilhada favorece a reflexão e a discussão dos textos lidos. É um momento dedicado à troca de impressões e de opiniões, à apreciação do plano do conteúdo (o que o texto diz) ou do plano da expressão (como o texto diz). Para que essa interação amplie as possibilidades de compreensão e de apreciação estética, é fundamental a mediação de um leitor experiente que estimule a observação de aspectos do texto que podem passar despercebidos, confronte diferentes interpretações, formule questões desafiadoras. Trata-se de um momento privilegiado para colocar as crianças em contato com textos e autores que, provavelmente, não leriam sozinhas.





Quadro 1. Seleção de obras em relação ao grau de autonomia do leitor e as práticas de leitura

Além de selecionar obras ajustadas ao grau de autonomia das crianças e às práticas de leitura, é importante não perder de vista diferentes modos de ler: leitura extensiva (ou horizontal) ou leitura intensiva (ou vertical).

A *leitura extensiva* se caracteriza pelo ato de ler muitos textos de modo rápido, muitas vezes devorando o livro com grande sofreguidão. Esse modo de ler permite a ampliação de repertório, a formação de uma cultura literária a partir da experiência.

Já a *leitura intensiva* se caracteriza pelo ato de ler e reler textos já conhecidos para que o leitor possa se apropriar de algumas características da linguagem escrita, apreciar o texto com calma.

Que adulto, com experiência de ler para crianças, nunca ouviu um “de novo” ao virar a última página do livro? Essa paixão dos pequenos pela leitura intensiva tem um valor didático inestimável. Permite que, ao se darem conta da estabilidade da escrita, percebam a diferença entre contar uma história e lê-la; permite também que possam recontar a seu modo, oralmente ou por escrito, histórias conhecidas, apropriando-se da linguagem que se usa para escrever.

Leitura extensiva ou horizontal: ler um número amplo de textos, promovendo a leitura lúdica da obra literária.

Leitura intensiva ou vertical: ler, várias vezes, o mesmo texto, visando a uma compreensão de seu funcionamento.

Quadro 2. Modos de ler

Ao planejar o trabalho com a leitura literária na escola, é possível traçar múltiplos roteiros. As questões e sugestões apresentadas no quadro 3 abrem possibilidades para uma rica e variada experiência de leitura no ambiente escolar, bastando apenas combinar os elementos sugeridos.

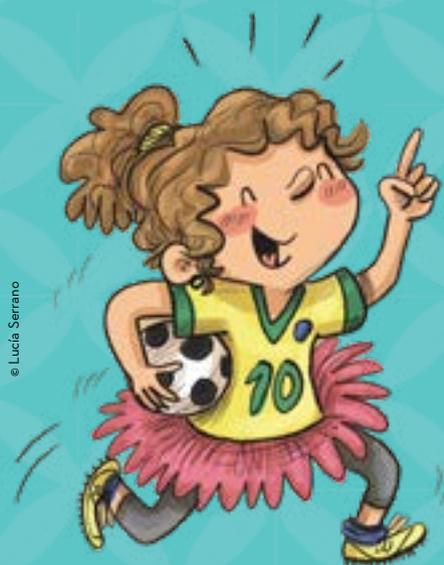
Questões norteadoras para o planejamento	Algumas sugestões
O que se lê e como vai ser a escolha?	<ul style="list-style-type: none"> • Obras escolhidas pelo professor. • Obras escolhidas pelas crianças a partir de seleção prévia do(a) professor(a) ou do(a) bibliotecário(a). • Obras escolhidas pelas crianças a partir de critérios propostos pelo(a) professor(a) ou bibliotecário(a) (um livro de determinado gênero, assunto ou autor; um livro de uma mesma coleção ou série etc.). • Escolha livre da criança.
Quem lê para quem?	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura autônoma (leitura silenciosa). • Leitura em duplas. • Leitura em voz alta do(a) professor(a) para a turma. • Leitura compartilhada do(a) professor(a) com a turma. • Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para a turma. • Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para um auditório de convidados (leitura pública).
Onde se lê?	<ul style="list-style-type: none"> • Na sala de aula. • Na biblioteca escolar ou sala de leitura. • Em um espaço ao ar livre na escola. • Em espaços públicos da cidade. • Em casa.

<p>Quando se lê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os dias (no início ou final do dia, após o intervalo etc.). • Uma vez por semana. • Após a realização das tarefas escolares.
<p>Como se compartilha o que se lê?</p>	<p>Atividades orais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa sobre a obra. • Reconto oral. • Dicas de leitura. • Entrevista simulada com personagens da obra. • Entrevista com outros leitores da obra. • Leitura dramática. • Encenação baseada no enredo da obra. <p>Atividades escritas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cartaz de apreciação. • Diário de leitura. • <i>Blog</i> literário. • Resenha. • Produção de texto (reconto, decalque, autoria).

Quadro 3. Orientações para o planejamento do trabalho com a leitura literária na escola

Compreendendo método como um conjunto de procedimentos que organiza o trabalho pedagógico, respostas a essas perguntas trazem implícitas decisões metodológicas sobre o ensino da literatura no ambiente escolar e revelam o conhecimento que o(a) professor(a) tem sobre os processos de aprendizagem das crianças em relação às práticas de leitura. Se resultado de uma ação coletiva dos educadores, essas escolhas permitem transformar a escola em uma verdadeira comunidade de leitores.





PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Pré-leitura

As atividades sugeridas nesta seção favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão da obra, além de provocarem o desejo de ler o livro com o propósito de verificar se as expectativas de leitura se confirmam ou não.

01. Mostre aos alunos a capa do livro. Que elementos da ilustração e da vestimenta da menina nos remetem ao jogo de futebol? São muitos: o gol, a camisa 10, o apito, as chuteiras, e, claro, a bola que ela segura na mão.

02. Quantas meninas da turma gostam de jogar futebol, como a menina do título do livro? Será que as crianças ainda associam futebol com *coisa de menino*? Encoraje-os a externar suas impressões sobre o assunto.

03. Leia com a turma o texto da quarta capa e estimule as crianças a criar hipóteses a respeito do desenrolar da trama. Por que será que os meninos não deixam que Ana entre no time? O que será que vai acontecer quando a garota substituir um dos jogadores?

04. Ainda no texto da quarta capa, ficamos sabendo que, antes de jogar no time, a menina poderia, no máximo, apitar o jogo. Qual é a função do juiz em um jogo de futebol? Quais são as principais regras? Proponha aos alunos que façam um levantamento dos protocolos do futebol de que se lembram.

05. Chame a atenção dos alunos para a dedicatória do livro: “Para todas as meninas do mundo que gostam de futebol”. Será que é fácil ser uma garota e gostar de futebol? Por quê?

06. Proponha que leiam as biografias do autor e da ilustradora. Será que os alunos sabem o que significa ser “naturalizado brasileiro”? Proponha que pesquisem na internet ou em um aplicativo, como o Google Maps, onde ficam os países que são mencionados no texto.

A. Para conhecer mais a respeito do autor, navegue em sua página na Internet: <http://mod.lk/vmwt4>. Há muito material disponível para saciar a curiosidade dos leitores.

B. Para compartilhar com a turma outras ilustrações produzidas por Lucía Serrano, visite: https://www.instagram.com/_lucia_serrano/?hl=pt-br.



Leitura

As atividades propostas estimulam o leitor a confirmar ou reformular suas antecipações a respeito do conteúdo, além de apoiá-lo na construção dos sentidos do texto.

01. Estimule as crianças a verificar se suas hipóteses se confirmam ou não.

02. Veja se a turma nota como a ilustradora faz uso de linhas que “emanam” dos personagens tanto para indicar movimento quanto para realçar expressões de surpresa, espanto, dúvida, alegria, entre outras.

03. Diga aos alunos que prestem atenção na diagramação do livro: de vez em quando, algumas palavras aparecem em caixa alta e negrito, com um tipo de letra diferente e em tamanho maior do que o restante do texto. Por que será?

04. Chame a atenção para a ilustração da página 18, que mostra a imagem da menina Ana diversas vezes, em diferentes momentos de sua atuação como juíza. As expressões marcantes no rosto da menina revelam seu alto grau de envolvimento com a partida.

05. Peça aos alunos que prestem atenção em dois personagens silenciosos e sem nome que estão presentes, contudo, na maior parte das ilustrações: a expressiva boneca de Ana, espécie de dupla da menina, e um diminuto besouro azul, que aparece em boa parte das imagens que retratam o campinho de futebol. Estimule-os a atentar para as expressões da boneca e do besouro.

06. Peça aos alunos que façam uma lista com os termos relacionados ao futebol que aparecem no decorrer do texto.

Pós-leitura

São propostas atividades para promover a compreensão da obra, o diálogo entre os leitores, entre a obra e outros textos, e entre outras linguagens; propostas inspiradas no trabalho do autor ou do ilustrador, além de atividades de alfabetização.

- 01.** Organize uma roda de conversa para falar sobre o livro. As questões propostas podem ajudar a conduzir o papo e ainda verificar a compreensão dos elementos principais da narrativa.
- A.** Como era Ana?
 - B.** Qual é o nome de seu irmão?
 - C.** Na sua opinião, os dois irmãos se davam bem?
 - D.** Como Ana passou a gostar de futebol?
 - E.** De que maneira Ana foi aprendendo as regras desse esporte?
 - F.** Quando Ana pediu para jogar pela primeira vez, os meninos não aceitaram tê-la como jogadora, mas deram a ela a função de juíza da partida. Como Ana reagiu ao convite? Ela ficou triste?
 - G.** Ana atuou bem como juíza de futebol?
 - H.** Que fato permitiu a Ana entrar numa partida como jogadora?
 - I.** No dia em que Ana jogou pela primeira vez, o time manteve a partida sem um juiz?
 - J.** A expressão “café com leite” é usada para se referir a alguém menor ou mais fraco, que não participa efetivamente das atividades e acaba atrapalhando. Ana foi tratada assim quando foi admitida para jogar, mas ela era mesmo “café com leite”?

02. Proponha, em seguida, uma conversa a respeito dos aspectos gráficos do livro:

- A.** Em quais páginas se observa o uso de linhas que “emanam” dos personagens para indicar movimento ou para realçar suas expressões? O que essas linhas representam em cada imagem?
- B.** Em quais páginas algumas palavras aparecem em caixa alta e negrito, com um tipo de letra diferente e em tamanho maior do que o restante do texto? Por que acham que essas palavras foram destacadas?
- C.** Em quais páginas há ilustrações em que aparece a boneca de Ana e o besouro azul? O que parecem estar fazendo nessas imagens?

03. Organize uma lista com os termos relacionados ao futebol que as crianças localizaram durante a leitura do livro. Informe a elas que, na Internet, há um dicionário eletrônico em três línguas (português, inglês e espanhol) só para explicar o significado de palavras e expressões referentes a esse esporte. O dicionário contém cerca de 700 verbetes! É possível encontrar, acessando o FIELD – Dicionário de expressões do futebol: <http://dicionariofield.com.br/>.

Veja a definição para *cobrança de pênalti*:

A cobrança de pênalti consiste em uma cobrança de falta na qual somente o cobrador da penalidade e o goleiro ficam à frente do chamado arco penal ou meia-lua, próximo ao local em que a bola é posicionada. Nessa posição, o jogador chuta a bola em direção ao gol, tendo o goleiro como único obstáculo. A cobrança de pênalti ocorre quando o jogador do time que ataca sofre uma falta dentro da grande área, ou quando um jogador de linha do time que se defende toca deliberadamente a bola com as mãos nessa região do campo. A cobrança de pênaltis também pode ocorrer em jogos eliminatórios, caso o empate entre as equipes persistir.

Organize a turma em grupos e proponha que consultem como o dicionário explica o significado dos termos encontrados no livro de Ilan Brenman.

04. A história de Ana pode remeter os alunos à trajetória da fenomenal jogadora brasileira Marta, a única atleta que recebeu seis vezes o prêmio de melhor jogadora de futebol do mundo. Assista com a turma a uma reportagem sobre o emocionante discurso feito por Marta na sede da ONU, em que ela fala das dores, dificuldades e preconceitos que encontrou pelo caminho para se dedicar ao esporte que ama (<https://globoplay.globo.com/v/7470235/>), e à entrevista dada pela jogadora ao programa Esporte Espetacular, da Rede Globo (disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8167183/>), em que Marta responde a uma série de perguntas dos internautas. É bastante comovente e encorajador escutá-la falar. Depois de assistir aos vídeos, estimule as meninas da turma a falar um pouco sobre a sua relação com os esportes. Quais delas gostam de jogar alguma modalidade? Já sentiram alguma dor parecida com as vividas por Marta? De que maneira se sentem estimuladas ou desencorajadas por suas famílias, colegas e professores? Que problemas costumam enfrentar? Alguma delas já pensou em ser atleta profissional?

05. Embora existam registros de partidas de futebol com times mistos no país desde 1908 e 1909, em 1941, durante a presidência de Getúlio Vargas, foi instituído um decreto-lei proibindo às mulheres a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina”, entre eles o futebol – e desde então as garotas só puderam voltar aos campos em 1979. Mesmo durante o tempo de proibição, no entanto, houve quem desafiasse a lei e colocasse chuteiras: mostre aos alunos as fotos históricas do Araguari Atlético Clube, um dos raros clubes de futebol feminino que se apresentava publicamente nessa época e que foi notícia da revista *O Cruzeiro* em fevereiro de 1959 (disponível em: <http://mod.lk/iówgm1>).

06. O futebol não é a única prática que já foi interdita às mulheres: durante muito tempo, elas não puderam frequentar a escola, ir à universidade, trabalhar fora de casa, ter conta no banco, votar, candidatar-se a cargos públicos, divorciar-se, e outras coisas mais. Trace uma linha do tempo que mostre a cronologia dos principais direitos femininos conquistados no Brasil e fora dele (como referência, é possível consultar a página da Wikipédia, disponível em: <http://mod.lk/ecp7g>), que ajudará os alunos a dar-se conta de que já houve um mundo em que suas mães, irmãs, colegas, tias e avós não tinham a mesma liberdade de escolha.

07. Em diversos lugares do mundo, as meninas ainda são proibidas de ir à escola. Conte para os alunos a história de Malala Yousafzai, a menina paquistanesa que foi a garota mais jovem a receber o prêmio Nobel da Paz e que quase foi morta pelos talibãs por lutar pelo direito de estudar. Sugerimos a leitura do livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca, publicado pela Companhia das Letrinhas, e o documentário *Eu, Malala*, de Davis Guggenheim, disponível na Netflix, que mostra o cotidiano da garota junto a seus pais e irmãos, para além de seu corajoso ativismo.

08. Embora por muitas décadas – e ainda hoje – o futebol tenda a ser considerado um esporte masculino, se dermos um salto para atrás na história para tentar compreender as origens do jogo, iremos descobrir coisas surpreendentes: mil anos atrás, na China, as mulheres já jogavam *tsu-chu*, ou *cuju*, um jogo semelhante ao futebol – e outros parentes mais antigos do futebol também eram praticados por elas no Egito, na Grécia e na Roma antigas. Conte essa história para a turma, aproveitando para mostrar imagens das telas do artista Shu Hanchen, que mostram mulheres correndo atrás de uma bola colorida (disponível em: <http://mod.lk/3mdbe>). Se os alunos quiserem saber mais sobre a história do futebol (interessantíssima, aliás), sugira que visitem, por exemplo, as páginas <http://mod.lk/ripuf> e <http://mod.lk/chdol>.

09. Chamado de *pok-ta-pok* pelos maias e *ullamalitzli* pelos astecas, o jogo de bola na Mesoamérica tinha um valor ritualístico, mítico e simbólico bastante importante no mundo pré-hispânico: nas ruínas das antigas cidades maias, astecas e toltecas, por exemplo, há campos dedicados aos jogos de bola, em redor dos quais eram tomadas importantes decisões da comunidade. Avalie a pertinência de mostrar aos alunos imagens de vestígios arqueológicos desses jogos de bola, que costumavam ser bastante violentos e envolver sacrifícios: há muitas informações interessantes na página <http://mod.lk/xOg55>. No mítico *Popol Vuh*, texto sagrado maia, um dos momentos fundamentais da criação do mundo é aquele em que os dois gêmeos-heróis jogam bola com os deuses do inframundo. Embora não tenha sido dublada ou legendada em português, talvez valha a pena ainda sim assistir com a turma a essa bela animação que conta, em 11 minutos, essa narrativa mítica maia: <http://mod.lk/dnqsj>. Ajude os alunos a compreender o texto em espanhol, se for o caso.

10. Ler esse livro, conhecer tanto sobre a história do futebol e sem jogar bola não tem graça nenhuma, não é mesmo? Organize a turma em dois times mistos e sigam todos para o campinho ou para a quadra. O professor ou a professora de Educação Física pode ser o juiz.



DICAS DE LEITURA

Que tal ler mais livros do mesmo autor?

- *A cicatriz*. São Paulo: Moderna.
- *O estranho dia de Luísa*. São Paulo: Moderna.
- *Quero nascer de novo!*. São Paulo: Moderna.
- *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.
- *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.



© Lucía Serrano

Que tal ler mais sobre o mesmo gênero ou assunto?

- *O menino que brincava de ser*, de Georgina da Costa Martins. São Paulo: DCL.
- *A história de Júlia e sua sombra de menino*, de Christian Bruel, Anne Galland e Anne Bozellec. São Paulo: Scipione.
- *Coisa de menina*, de Pri Ferrari. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Eugênia e os robôs*, de Janaína Tokitaka. Rio de Janeiro: Rocco.

LER EM FAMÍLIA

© Lucia Serrano



7

razões para
ler com
as crianças

A experiência com a leitura literária não acontece apenas na escola. É importante que os educadores procurem sensibilizar as famílias para a importância dos livros de literatura no desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças.

Para apoiá-las nessa tarefa tão importante, compartilhe estas dicas:

1 Escutar histórias lidas em voz alta e conversar sobre livros desenvolve a inteligência e a imaginação.

2 Os livros enriquecem o vocabulário e o domínio de estruturas linguísticas próprias da língua escrita.

3 As imagens, informações e ideias dos livros ampliam o conhecimento de mundo.

4 Quem tem o hábito de ler conhece melhor a si próprio e compreende melhor os outros.

5 Ler de forma compartilhada é divertido e reforça o prazer do convívio.

6 Os vínculos afetivos entre as crianças e os adultos que leem para elas são mais profundos.

7 A leitura deixa as crianças mais tranquilas, ajuda-as a conquistar autoconfiança e poder de decisão.



**Conheça o depoimento de
Luciana Alvarez, jornalista e mãe,
ao ler para seus filhos
*A menina que amava futebol.***

Trinta anos atrás eu frequentava um colégio exclusivamente feminino que proibia as alunas de jogar futebol. O colégio hoje é misto e o futebol está liberado por lá. Há 30 anos o Brasil já era o país do futebol, mas atualmente é também o país da maior jogadora de futebol de todos os tempos, Marta, que foi eleita seis vezes a melhor do mundo. Eu imaginava que, com essas três décadas de aprendizados, seria fácil para uma menina hoje jogar futebol. Mas não é bem assim.

A menina que amava futebol é um livro lindo, com ilustrações cativantes, texto fluido. Mas, para mim, o mais importante da leitura foi descobrir um segredo que minha filha escondia: assim como Ana, ela queria muito jogar futebol. No caso da minha filha, ela queria jogar junto com os meninos da escola na hora do recreio. Não há nenhuma norma escolar que a impeça de jogar, mas há algumas regras não ditas do costume. Só meninos jogam. E ela não tinha coragem de pedir pra jogar também.

Minha caçula, com 6 anos, acompanhou a história inteira sem dar um pio, sem fazer nenhum comentário, mas com os olhinhos bem atentos. Tampouco fez qualquer observação espontaneamente ao final da leitura. Mas, quando eu perguntei sobre o assunto, ela confessou que morria de vontade (e de vergonha) de pedir para participar do futebol.

Logo de cara, Ana não conseguiu entrar em campo da maneira que gostaria. Sendo a mais nova e a única menina da turma, conquista seu espaço pelas brechas, ganha a confiança dos meninos aos poucos, se enturma cada vez mais. Com jeitinho, vai driblando os preconceitos até conseguir uma posição no time. Aqui em casa, tentamos nos mirar no exemplo da Ana e bolamos algumas estratégias para vencer o desafio.

Ao final de uma semana de tentativas e conversas, minha filha finalmente pôde entrar em campo! Ela encontrou uma colega de classe que também tinha vontade de jogar bola e, juntas, as duas ganharam forças para pedir para participar. E foram aceitas.

Uma das coisas mais importantes de ler com meus filhos é aprender sobre os sentimentos e desejos deles. Um objeto tão simples, um livro, pode ter um impacto enorme nas nossas vidas. Foi por causa de *A menina que amava futebol* que hoje sei que minha caçula gosta de jogar futebol e, assim, posso apoiá-la para conquistar seu espaço. Um livro transformou de alguma forma a relação entre as crianças na escola onde estuda, ainda que elas não tenham lido a história da Ana.

Ah, meu filho mais velho gostou da história. Ele defende que meninas e meninos podem perfeitamente jogar juntos e contou que na escola dele isso até já acontece - ufa! Ele mesmo, porém, tem interesse quase nulo em futebol. E está tudo bem também. Meninas têm o direito de gostar de futebol e meninos têm o direito de não dar nenhuma bola.



(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 30 ago. 2021)